

Pesquisa investiga cérebro e comportamento para tratamento da demência

A doença atinge cerca de 5% da população mundial e tarefas que estimulem o cérebro podem ajudar a atenuar os sintomas e permitir mais autonomia ao paciente

Juliana Passos

Quem não conhece alguém com dificuldades para reconhecer seus erros ou que não consiga expressar seus sentimentos plenamente? Essas são características genéricas para diferentes quadros patológicos, mas bastante comuns em pessoas com demência, síndrome que atinge cerca de 5% da população mundial com mais de 60 anos. A partir dos 65 anos a porcentagem dobra a cada cinco anos. Entender as especificidades da doença, aumentar a precisão de diagnóstico e investigar os comportamentos de quem foi diagnosticado estão entre os objetos de pesquisa do psicólogo Daniel Mograbi, professor do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Em 2019, Mograbi ganhou o prêmio Early Career Award da International Neuropsychological Society, como reconhecimento de seus trabalhos na área como jovem pesquisador. Desde 2016 ele conta com apoio da FAPERJ para a realização de suas pesquisas, tendo sido contemplado no programa Jovem Cientista do Nosso Estado. Em 2019, o apoio da Fundação, que tem duração de três anos nesse programa específico, foi renovado.



Memória em fragmentos: apesar de ser...

Apesar de ser mais comum com o avançar da idade, a doença não faz parte do envelhecimento normal. “Antigamente, achávamos que a demência que era uma consequência normal do envelhecimento. Hoje, sabemos com bastante clareza que não”, diz Mograbi. Ele explica que o diagnóstico é bastante complexo

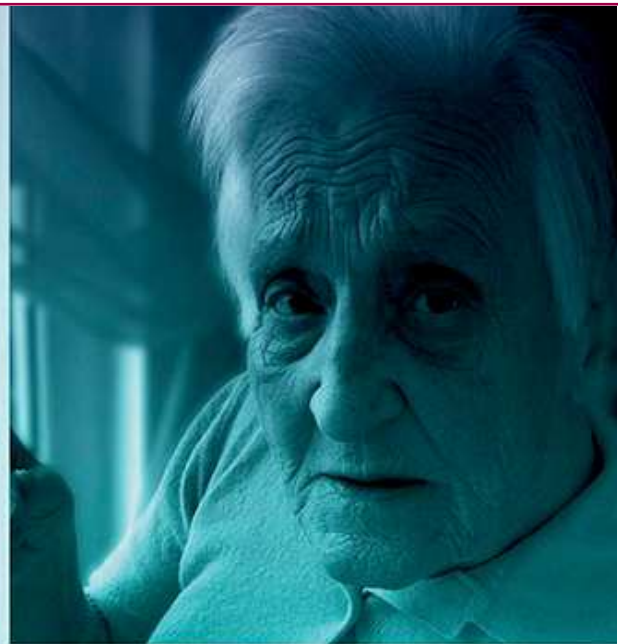


Foto: Gerd Altmann/Pixabay



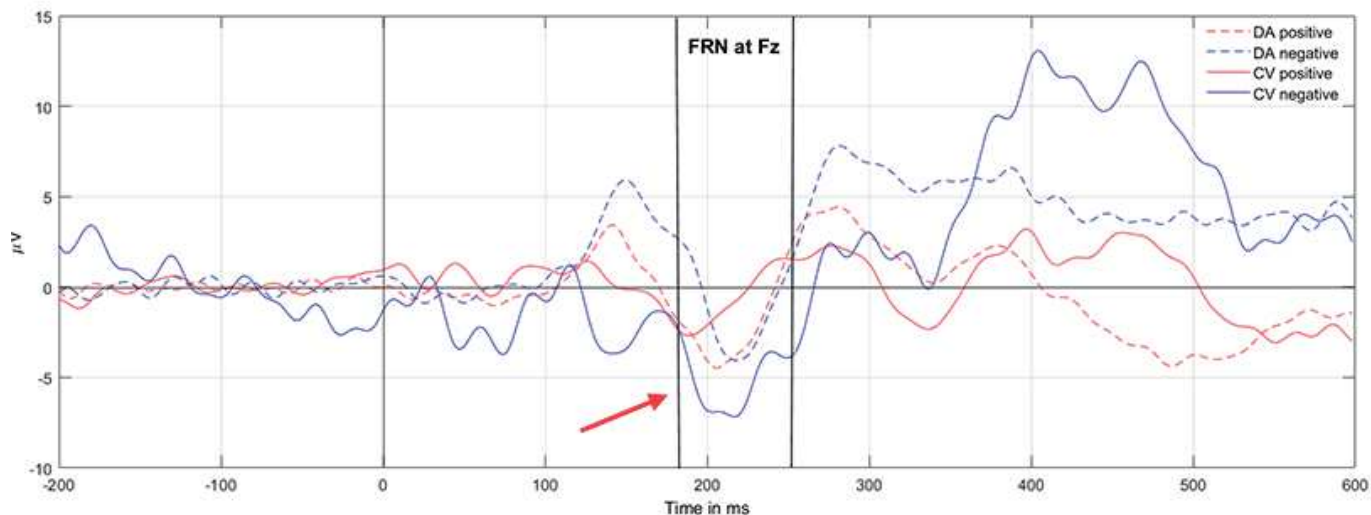
...mais comum em pessoas com mais de 60 anos, a demência não necessariamente faz parte do processo de envelhecimento normal

e depende de exames de neuroimagem, avaliação cognitiva, relatos da família e exclusão de quaisquer outras potenciais alterações. Uma das dificuldades do diagnóstico é precisamente a falta de consciência dos pacientes sobre seus problemas. Em 2012, o pesquisador publicou um estudo com 897 participantes, da

América Latina, China e Índia, identificando que a falta de consciência de problemas de memória atinge entre 60% e 80% dos pacientes.

Entre 2016 e 2019, com o financiamento da FAPERJ, seu desafio foi estudar experimentalmente reações de pessoas com Doença de Alzheimer, o tipo mais comum de

demência, utilizando a metodologia da eletroencefalografia. “Nós tivemos duas tarefas diferentes. Uma parte do estudo investigava o monitoramento de erros, enquanto a outra explorava a reatividade emocional de pessoas com demência”, explica Mograbi. Os testes de monitoramento de erros envolveram



Durante a realização de exercícios de memória, pacientes com Alzheimer (traço pontilhado) demonstraram reatividade emocional aos próprios erros atenuada em relação ao grupo de idosos "controle". Dados de eletrofisiologia coletados pela doutoranda Anna Fischer.

uma tarefa de tempo de reação e pediam uma estimativa de acertos, na maioria das vezes mais elevada do que de fato tinham ocorrido. Ao mesmo tempo, os pacientes tinham a atividade elétrica cerebral monitorada e, em comparação com idosos saudáveis, tiveram respostas elétricas aos erros atenuadas.

Foto: Divulgação/PUC-Rio



Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ, Mograbi foi agraciado com prêmio da International Neuropsychological Society

A pesquisa também envolveu a identificação do processamento emocional. “É comum que pessoas com demência tenham problemas em regular suas emoções. Isso vai desde as pessoas mais apáticas até pacientes mais agressivos e desinibidos”, explica o psicólogo. Para analisar a reatividade emocional, os pesquisadores também monitoraram o cérebro dos participantes e expressões faciais ao exibirem imagens neutras, como linha de base, imagens positivas e negativas. Novamente, as evidências sugeriram uma relativa preservação, mas diminuição em comparação com controles, da capacidade de reatividade emocional nos pacientes.

Agora Mograbi se prepara para uma nova etapa da pesquisa: a busca para tratamentos não invasivos que podem ajudar a estimular o cérebro e atenuar os sintomas de demência. Financiado pelo Fundo Newton e o Medical Research Council do Reino Unido, a Terapia de Estimulação Cognitiva (CST) será implementa-

da no Brasil, Tanzânia e Índia. “A terapia é realizada em 14 sessões em grupo, reunindo de oito a 10 pessoas, com atividades bastante lúdicas, música e comida. O método foi desenvolvido pela pesquisadora Aimee Spector, de University College London. Nesse caso, a gente quer ver se a infraestrutura do país interfere na implementação dessa terapia”, conta, sobre o trabalho em parceria com Jerson Laks e Valeska Marinho, do Centro de Doença de Alzheimer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Cleusa Ferri, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Para quem está interessado em postergar esse quadro, os cuidados são os mesmos que dizem respeito à manutenção geral da saúde. “Tudo que faz bem para o coração, faz bem para o cérebro. Dieta equilibrada, exercícios físicos, tarefas que demandam desafios cognitivos e uma vida social ativa abrangem todos esses aspectos”, finaliza.

Pesquisador: Daniel Mograbi
Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Fomento: Programa Jovem Cientista do Nosso Estado